concentrado congelado nos EUA diminuíram 30%, em benefício da expansão do consumo do suco refrigerado natural. No momento, o *market-share* deste último tipo oscila entre 25 e 30%, enquanto o suco refrigerado diluído do concentrado ainda detém a preferência de 50% dos consumidores.

Recentemente, o paulatino crescimento das safras de laranja da Flórida tem levado a uma diminuição do diferencial de preços entre os sucos congelado e refrigerado. Com isso, em outubro do ano passado o preço do suco refrigerado natural, embalado em caixa do tipo *tetra-rex* pesando 64 onças (cerca de 1,8kg, ou o equivalente a pouco menos de 1,5l) oscilava entre US$2,59 e US$2,69, contra US$3,49 um ano antes. Além do mais, se o diferencial de preços no varejo entre esse tipo e o suco concentrado congelado era de US$2,00 em 1994, no ano passado ele diminuiu para US$1,64.

O efeito imediato dessa nova configuração de mercado foi uma mudança no *market-share* das três maiores companhias norte-americanas produtoras da bebida (Tropicana, Minute Maid e Florida's Natural).

No caso, a Minute Maid, que tradicionalmente dominava o mercado norte-americano de suco congelado, passou a perder terreno para as concorrentes. Por não saber avaliar o potencial de expansão do segmento do suco refrigerado, a empresa não lhe destinou os investimentos necessários à consolidação da marca. Sua parcela de mercado decresceu 1,7 ponto percentual entre 1994 e 1995, o equivalente a uma queda de US$9,4 milhões no faturamento.

Conseqüentemente, ao final de 1995 a empresa lançou uma forte estratégia de redução de 5 a 15% dos seus preços atacadistas e de duplicação para US$25 milhões dos gastos com propaganda e publicidade. Dessa forma, espera reverter a contração das vendas, que vinha ocorrendo sobretudo em benefício da Florida's Natural, empresa que se vem especializando nos segmentos de sucos não-congelados.

IRENE RAGUENET TROCCOLI

TRIGO

Safra ruim, boas perspectivas

O fraco desempenho da safra de 1995 chama a atenção para a alta dos preços no mercado mundial e abre novas possibilidades para a triticultura brasileira.

A triticultura brasileira registrou, em 1995, um acentuado recuo em sua área de plantio e na produção, que retornou aos níveis de meados dos anos 80. O consumo, porém, alçou-se às alturas, chegando aos 8,5 milhões de toneladas, que poderão ser superadas em 1996, levando o país a se situar na segunda posição entre os importadores do cereal, perdendo apenas para a República Popular da China.

Foi um período conturbado. Os trigais paranaenses, os mais extensos do país, por exemplo, encolheram 15%, segundo o IBGE (a área cultivada baixou de 740 mil, em 1994, para 630 mil hectares). Como as condições climáticas foram, em linhas gerais, positivas, excetuando-se as chuvas que atrapalharam a colheita, o rendimento físico médio das lavouras praticamente repete o da safra anterior, ficando ao redor de 1.700kg/ha. A influência das chuvas sobre as plantações pode ser vista na própria estimativa do IBGE, que considerava possível, até o mês de setembro, que se colhessem 1.900kg/ha no Paraná. Deste modo, a produção do estado também pouco difere daquela de 1994 (1,071 milhão de toneladas, contra 1,076 milhão, um ano antes).

Uma conseqüência da proximidade da entrada de uma safra razoável, para a atual configuração da atividade, foi a interrupção do processo de elevação das cotações iniciado em setembro.

Já o segundo estado produtor, o Rio Grande do Sul, registrou situação bem diferente. Houve geadas em parcela considerável das plantações quando se iniciava o plantio, seguidas por forte calor e estiagem durante o desenvolvimento vegetativo e finalmente, como no Paraná, chuvas na colheita. Com tal conjugação de adversidades, o resultado só poderia ser frustrante. A área plantada caiu de 554 mil para 297 mil hectares (-46%), a produção reduziu-se de 806 mil para 364 mil toneladas (-55%) e a produtividade física recuou de 1.456 para 1.351kg/ha.

Pior performance do que essa só a dos trigais goianos, cuja área diminuiu 80%, para irrisórios 939ha, com produção de 3.162t (78% menor do que a de 1994).

Na verdade, a situação da produção só não foi pior, no conjunto da safra, devido ao comportamento da triticultura paranaense, pois o *desastre* ocorrido no Rio Grande do Sul, em termos quantitativos, foi o padrão em quatro dos outros cinco estados produtores (Minas Gerais, com -24% na produção; Santa Catarina, com 34%; Mato Grosso do Sul, -71% e o já mencionado Goiás).

A exceção foi o estado de São Paulo, em que a área de cultivo encolheu 33% (de 35.350 para 23.800ha) mas o rendimento físico médio aumentou de 959 para 1.697kg/ha (+77%), o que levou à produção de 40.400t, 19% superior à de 1994.

A retração da oferta brasileira ocorreu em um ano em que, conforme referência anterior, o consumo superou ligeiramente os 8,5 milhões de toneladas, atendidas por apenas 2,09 milhões de toneladas da safra de 1994. No ano comercial, encerrado em julho, o país precisou importar quase 6,3 milhões de toneladas, de que foram destaques, entre os vendedores, a Argentina, com 4,3 milhões de toneladas, e o Canadá, com 1,05 milhão.

Importações e oferta interna

No que se refere ao trigo, confirma-se a idéia dos vizinhos membros do Mercosul, por ocasião da assinatura do Tratado de Assunção (26-3-1991), de que o Brasil forneceria a parte Merco do mercado comum em formação (na verdade, uma união aduaneira incompleta). Com efeito, além da sólida posição argentina, os uruguaios puderam colocar no enorme mercado brasileiro cerca de 360 mil toneladas e os paraguaios venderam aproximadamente 101 mil.

A oferta interna foi complementada pelos estoques iniciais, estimados pela Conab em pouco mais de 2 milhões de toneladas, detidas majoritariamente por agentes privados.

Ao manter-se em patamar semelhante ao de 1994, a produção paranaense impediu que a safra fosse um desastre ainda maior.

Para este ano, além de menor produção agrícola, o subsetor tritícola terá de lidar com importações obrigatoriamente ajustadas pela alta das cotações internacionais. Ou seja, além de parecer que o governo federal manterá, *grosso modo*, sua preocupação com o controle da expansão do consumo no país, o que não permitirá uma explosão de compras de alimentos, os preços do trigo no mercado mundial tenderão a tolher maiores importações.

De fato, o cenário que se vislumbra para as transações planetárias com o trigo, em 1996, é inquietante para os importadores, mesmo sendo possível prever que o ímpeto de alta das cotações, ocorrido em 1995, não se repetirá. Aliás, no início de dezembro, começou a ser estancado o movimento altista que se sustentava desde maio, em Chicago.

O Departamento de Agricultura dos EUA — USDA — alterou suas estimativas para o trigo em novembro, ampliando-as em relação às de outubro em 1%. Ainda assim, porém, prevê-se uma conjuntura de aperto na disponibilidade total, pois o consumo global permanece em alta. A reavaliação estatística do USDA deveu-se à reconsideração do tamanho da safra australiana (17 milhões de toneladas) e da canadense (24,5 milhões). No entanto, o confronto da produção total de 534,9 milhões de toneladas com o consumo esperado de 550,3 milhões fará com que os estoques de passagem mundiais reduzam-se a 98,5 milhões de toneladas, 13,5% abaixo dos 113,8 milhões do ano anterior.

Desequilíbrio entre oferta e demanda

É nesse aspecto do balanço de oferta e demanda mundial que se concentram as atenções dos analistas internacionais. Afinal, sempre se recorda o período tenso do início dos anos 70, quando o neomalthusianismo ressurgiu com força, devido à escassez de cereais no mundo. O alarme está sendo acionado, ao se destacar que os estoques de 98,5 milhões de toneladas são os mais baixos desde 1975.

Evidentemente, a Bolsa de Chicago será o estímulo a novo aumento da produção, que ocorrerá, inevitavelmente, em futuro próximo. As cotações na bolsa também subiram de modo substancial durante meses, situando-se há semanas acima dos US$180/t. É interessante notar que os europeus, ao se retirarem do mercado, com a suspensão de seus subsídios, ajudaram o processo altista, pois deixaram os rivais dos EUA quase sós, num momento em que a safra norte-americana enfrenta problemas de qualidade e as importações de tradicionais compradores, como os turcos, chineses e russos, prosseguem vigorosas. Daí derivam as estimativas de um plantio, em 1996, de área entre 5 e 10% maior do que a de 1995, que circulam nos EUA.

Essas questões estiveram na pauta de discussões do III Seminário Internacional sobre Logística de Trigo, promovido pela Abitrigo, no Rio de Janeiro, no início de dezembro, quando representantes dos países interessados no mercado brasileiro puderam apresentar seus pontos de vista. A US Wheat Associates, por exemplo, no final de 1994, também através de seus representantes em evento realizado na Abitrigo, mostrou-se preocupada com o fato de os EUA não estarem conseguindo vender trigo ao Brasil. Passado um ano, pode anunciar que seu país negociou mais de 1,2 milhão de toneladas para importadores brasileiros, aproveitando a deficiência momentânea da disponibilidade da Argentina.

Para auxiliar as exportações norte-americanas, serão mobilizados maiores recursos para o financiamento das vendas externas dos EUA, com prazo de pagamento de um ano e juros internacionais.

A maior parte do produto norte-americano entrará no mercado no segundo semestre, já que o trigo ar-

gentino será o fornecedor preferencial da primeira metade do ano.

No mesmo seminário, aventou-se a possibilidade de a quebra da safra argentina não ter sido tão violenta (ter-se-ia reduzido de 11,4 milhões de toneladas produzidas em 1994 para algo na faixa de 8,2 a 8,5 milhões de toneladas), por não se ter clareza quanto à evolução da produtividade física dos trigais afetados por estiagem. O fato é que as cotações do trigo do país vizinho também foram infladas e, se o produto valia US$120/t em cotação fob em 1994, em janeiro de 1996 atingem US$200/t-fob. Até o começo de dezembro, os argentinos tinham vendido para o Brasil cerca de 2 milhões de toneladas.

Melhores cotações

A alta leva a uma reversão no mercado interno, pois, conforme declaração do presidente do Moinho Pacífico, pagavam-se pelo trigo, em 1994, US$140/t, enquanto o preço mínimo oferecido pelo governo federal era de US$173, e agora o preço mínimo é de US$140/t e se pagam US$220/t. Isso leva os triticultores a procurarem os moinhos e não mais a política de garantia de preços mínimos em que o trigo foi colocado, quando se encerrou o monopsônio do Banco do Brasil.

A produção paulista, a única que aumentou, é muito pequena para influenciar no cômputo geral da safra brasileira.

O fato de os moinhos serem onerados com preços ascendentes no mercado externo levou-os a pressionar as autoridades governamentais a usarem o direito estabelecido nas negociações do Mercosul de, até abril próximo, promover alterações na tarifa externa comum (TEC), maior característica da união aduaneira. A alíquota acordada para o trigo foi a de 10% para produto originário de países externos ao bloco sul-americano. Durante meses, representantes da indústria moageira sugeriram que se alterasse a alíquota, trazendo o trigo para o conjunto dos produtos colocados em lista de exceção. Segundo eles, o rebaixamento seria feito para uma alíquota de 2%. Para compensar os argentinos com a vantagem dada a seus competidores em seu maior mercado comprador (os importadores brasileiros adquirem 70% das exportações argentinas), anunciou-se que o governo brasileiro retiraria a carne bovina da lista de exceção, aumentando sua alíquota da TEC de 2 para 10%.

Embora respaldados no fato de que os preços internos de farinha e massas foram grandemente majorados devido à alta externa das cotações, superando amplamente a inflação dos últimos meses, o fato de não ser conveniente alterar a TEC por pressões conjunturais em determinados mercados levou à resistência do governo em atender o pedido.

Do ponto de vista do triticultor brasileiro, a situação poderá assemelhar-se àquela descrita para o produtor de outros países. Sob o estímulo de melhores cotações externas, aumenta-se o plantio. No caso, sob esse incentivo e tendo algum suporte interno em termos de cuidados com a capitalização dos agricultores, será possível recuperar pelo menos um pouco do muito que se perdeu na produção do país em anos recentes. De acordo com avaliação do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, da Embrapa, as perspectivas para a atividade em 1996 são promissoras, não só para o trigo, mas igualmente para outros cereais de inverno, como a cevada e o triticale, pois as *proteínas de inverno* deverão ter mercado quase garantido.

O CNPTrigo considera que os triticultores que obtiveram produtividades físicas na faixa de 2t/ha conseguiram cobrir seus custos de produção e terão maior interesse em plantar mais no inverno deste ano. Contarão nesse caso com nova percepção das tendências do mercado comprador, que poderá valorizar os trigos costumeiramente chamados comuns. Afinal, existe a preocupação de se assegurar a oferta de trigo importado para a panificação, mas as indústrias necessitam de trigo comum para biscoitos e massas, existindo uma demanda assegurada de até 2 milhões de toneladas. Segundo estimativas do centro, as reservas de sementes existentes no Paraná e no Rio Grande do Sul são suficientes para uma produção de aproximadamente 3 milhões de toneladas em 1996.

Os baixos estoques mundiais assustam, mas pode-se prever recuperação da produção no médio prazo, justamente pelas boas cotações nas principais praças mundiais de comercialização.

É possível que a safra a ser plantada e colhida em 1996 marque mais um passo na evolução da triticultura brasileira. Os poucos agricultores que permaneceram dedicados ao cultivo promoveram significativas alterações em termos qualitativos, tendo de se adaptar, ou esforçando-se para tal, às necessidades e exigências da indústria. Em um primeiro momento, que se espera esteja se encerrando, alegou-se a baixa qualidade do produto brasileiro para justificar as importações que, em grande medida, se deviam a condições de pagamento bem mais favoráveis do que aquelas que os agricultores brasileiros poderiam suportar.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA